



## Vertentes do realismo na literatura brasileira contemporânea

Sylvia Helena Telarolli de Almeida Leite<sup>1</sup>  
Universidade Estadual Paulista - UNESP  
São Paulo - Brasil  
sylvia@uol.com.br

**Resumen:** Esta comunicação propõe a análise de dois textos da literatura brasileira contemporânea, *Órfãos do Eldorado*, novela de Milton Hatoum e *Galiléia*, romance de Ronaldo Correia de Brito, ambos publicados em 2008, para observar o modo como os autores, cada qual a seu modo, estabelecem o diálogo com a tradição do realismo. Na novela, a descrição do espaço, a configuração do tempo e o delineamento das personagens procuram o resgate do tom mágico que cerca a narrativa mítica; no romance, a análise dos mesmos elementos da narrativa constata a definição de um tom mais duro, cru e incisivo. Ambas as narrativas, porém, cada qual a sua maneira, expõem, por intermédio da ficção, aspectos da vida histórica e social.

**Palabras clave:** Realismo - Literatura Brasileira - Narrativa Contemporânea - Milton Hatoum - Ronaldo Correia de Brito

A novela *Órfãos do Eldorado* (2008) aborda o mito do Eldorado, da “cidade encantada”, submersa nas águas do Amazonas, tendo como pano de fundo o espaço do norte do Brasil, tema recorrente na ficção de Hatoum. O projeto estético do autor não se apoia na prática de inovações experimentais ou em um estilo de tom mais contemporâneo; na verdade, a poética hatouniana dá seqüência a uma certa tradição: o próprio autor assume a busca da depuração de um realismo de tom flaubertiano, um realismo intimista, que toca as profundezas da nossa subjetividade, há nos seus textos um casamento entre intimismo, memória e sensibilidade às questões sociais.

Nesta novela, como nos romances anteriores, Hatoum exercita a mescla entre um estilo flaubertiano, evidente no “controle preciso do narrador” , em

---

<sup>1</sup> **Sylvia Helena Telarolli de Almeida Leite** Professora Livre-Docente da área de Literatura Brasileira, voluntária junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, UNESP (São Paulo, Brasil). Dedicase ao estudo das modalidades do riso ( sátira, humor, comédia) na literatura e ao estudo da literatura brasileira contemporânea.



uma “linguagem minimalista”, reduzida ao essencial e elementos da tradição oral (WILLIAMS 2008 166), agora retomada no diálogo com os mitos e na figura do contador de histórias, pois o texto tem um narrador autodiegético, que mescla a dicção popular à erudita.

A novela parte do mito do Eldorado, segundo o qual havia uma cidade encantada, espaço da riqueza, opulência e felicidade, submersa nas águas do rio Amazonas, em que todos viveriam em harmonia. É a cidade encantada que motiva a primeira cena apresentada: o narrador reporta-se a uma passagem de sua infância, em que abandona a casa do professor onde assiste à aula e vai para a beira do rio Amazonas, atraído pela voz de uma mulher, uma índia Tapuia, com o rosto pintado do vermelho de Urucum, que se lamenta e aponta o rio. A mulher fala em língua indígena e como o menino não compreende, Florita, uma espécie de ama seca, traduz o que ouve:

Dizia que tinha se afastado do marido porque ele vivia caçando e andando por aí, deixando-a sozinha na Aldeia. Até o dia em que foi atraída por um ser encantado. Agora ia morar com o amante, lá no fundo das águas. Queria viver num mundo melhor, sem tanto sofrimento, desgraça.” (Hatoum 2008 11)

A índia mergulha nas águas do rio e nada em direção à ilha das Ciganas, os barqueiros navegam até lá, mas não a encontram, pois ela “Desapareceu. Nunca mais voltou.”( Hatoum 2008 12)

Mais tarde, quando o narrador já é adulto, saberemos que Florita evita contar ao menino as verdadeiras palavras da índia, que se lamenta por ter sido abandonada pelo amante e decide suicidar-se afogando -se nas águas do rio. Vê-se então que o mito aparece na novela, mas não é tomado “ao pé da letra”, pois o mito na novela na verdade nega a versão original; se a Eldorado encantada seria o espaço do abrigo, da fartura, da realização, da harmonia, no texto em questão, o Eldorado carrega o peso da ruína, da perda, da desagregação. É uma terra, portanto, que muito pouco tem de encantada ou que revela sua face de encantamento somente para poucos. Vê-se que o



Eldorado mítico vai se destruindo com a passagem para a narrativa novelística, evitando assim a mistificação.

No texto ocorre um processo de apropriação dos mitos que, recontextualizados, se transfiguram, pois as histórias ouvidas dos índios, são e não são do mundo do protagonista, que de las toma conhecimento por intermédio da tradução de Florita, descendente de nativos, que dele cuida desde o nascimento, devido à prematura orfandade, à morte da mãe no momento do parto.

O mito, recontextualizado, se transfigura, ganhando uma significação que ao mesmo tempo reitera e desafia as lendas originais. A novela tem, assim, como ponto de partida o mito do Eldorado, para recusá-lo, e, na nova história contada, reencontra-se o passado faustoso, o presente precário. Pelos caminhos de um realismo de tonalidade turva, como as águas do rio Amazonas, aflora aguda a constatação do contraste que até hoje marca o perfil da Amazônia, o contraponto entre opulência e miséria.

Ronaldo Correia de Brito é escritor cuja produção vincula-se ao regionalismo, tradição tão problemática quanto renitente na nossa prosa de ficção. Antes da publicação de *Galiléia*, o escritor já havia escrito dois volumes de contos, *Livro dos homens* (2005) e *Faca* (2003) cuja temática e ambientação remete ao universo do nordeste brasileiro. A linhagem do autor, todavia, é diferente da de Guimarães Rosa, Francisco Dantas ou José Cândido de Carvalho, de tendência mais experimental; o estilo do autor de *Galiléia* é clássico e lembra a dicção de Graciliano Ramos, no tom problematizador e crítico e também na escrita clara, enxuta, direta, mas densa e bem cuidada. Todavia, para além dessa escrita objetiva, espraia-se toda uma reflexão acerca do Brasil, do sertão e da condição humana. Aclimatada no sertão nordestino, trata-se de uma ficção que traz imagens penetrantes, de grande densidade poética e “mostra um Brasil profundo”, livre de um localismo restrito. ( Lucchesi, na Orelha de Brito *Livro dos homens* 2008)

Com a publicação do romance *Galiléia* é que com maior intensidade vibra no texto de Correia de Brito a presença do veio regional, apresentado em



sua singularidade: elementos da paisagem, dos costumes, do ambiente. Trata-se, todavia, da retomada do universo regional já transfigurado, pois a narrativa mescla elementos da tradição local com referências da vida e dos costumes contemporâneos. É uma apropriação do dado regional, mas em um registro diferente daquele observado na ficção brasileira dos anos 30, 40 e 50 do século XX.

*Galiléia* é história narrada a partir do ponto de vista de Adonias, cuja ação se inicia com o deslocamento da cidade, espaço onde o narrador se encontra em situação de aparente equilíbrio, em direção ao sertão, de volta à fazenda do avô moribundo, para revê-lo antes da morte já esperada, acompanhado de dois primos. É uma narração que parte de situações extremas: os primos se dirigem à casa do avô para participar da festa de seu aniversário, mas no caminho são surpreendidos pela notícia de que o patriarca encontra-se muito doente, prestes a morrer. No percurso rumo ao sertão e depois lá chegando, empreende-se o retorno ao passado, com suas tensões e mistérios, os segredos de família nunca revelados, as histórias de vingança e morte, as dissensões entre os irmãos e primos, núcleos originados da velha estirpe dos avós.

O romance tematiza um dilaceramento que expressa uma realidade que é regional, mas também nacional e universal, porque antes de tudo humana, ao focalizar um triplo retorno: à casa dos avós, ao passado, às tradições esquecidas. Reitera-se em todo momento a dicotomia entre presente e passado, urbano e rural, rusticidade e requinte, modernidade e tradição. São oposições que perpassam a camada coletiva, do social e também a do particular, do indivíduo. É significativo o fato de Adonias, o narrador, ser um médico, com família constituída, com uma vida estável em Recife, mas buscar o reencontro consigo mesmo nesta viagem ao sertão e ao passado da família.

Padece Adonias de um mal estar crônico, é um homem sem lugar, incompleto, insatisfeito, atormentado pelo sentimento de culpa na cidade e inseguro, com uma permanente sensação de ameaça, no sertão. Dilacera-se



entre o chamado das origens e o apelo da estabilidade conquistada no presente urbano.

Sinais da decadência material e moral da família aparecem todo o tempo e se aguçam mais ainda no confronto entre o modo de vida tradicional que se leva no interior do estado e na fazenda e as alterações provocadas pela modernidade, sem, entretanto, fazer qualquer apologia dos dois tipos de experiência.

Arruinou-se o quarto de fabrico de queijo, e as prensas lembram esqueletos de dinossauros, memória da fartura de leite. Parece que um meteoro caiu sobre a Galiléia, queimou os pastos, matou os rebanhos, pôs os currais abaixo. Até os aboios dos vaqueiros são ouvidos apenas nos programas de rádio. Nos fogões de lenha não se torra café, nem manteiga, nem se produz o sabão da gordura de porcos e bois. Panelas de barro e cobre, cuias, potes e alguidares perderam a função. Minguaram, substituídos sem saudade por plásticos e acrílicos. Os moradores se confinam em poucos cômodos, e o restante da casa sem uso mantém-se de pé por teimosia. (BRITO *Galiléia* 2008 69)

Outro aspecto interessante é que *Galiléia* pode ser lido também como uma espécie de metaromance e um metaregionalismo, pois, de maneira ora explícita, ora implícita, remete a uma reflexão sobre a natureza do romance, os moldes da representação e os limites do regionalismo.

Mas essa trégua durava pouco tempo. Logo eu voltava a ser o intelectual pós-modernista desconfiado da cartilha do tio, temeroso de que ele me transformasse em mais um talibã sertanejo, desses que escrevem genealogias familiares e contam causos engraçados. (162 -163)

- Tio Salomão é um regionalista. Existe coisa mais fora de moda do que um regionalista?" (163)

As personagens, especialmente Adonias e os dois primos, Ismael e Davi, procuram o seu lugar no mundo, assim como buscam identificar seu papel no cenário da família. O deslocamento no espaço do romance, da cidade para o sertão e no tempo, do presente para o passado dá-se em busca de uma



identidade perdida, uma identidade individual, de Adonias, Davi e Ismael mas também social, dos homens que vivem na região nordeste, espalhando-se também para o universo nacional. Trata-se de um problema que atinge especialmente aqueles que viveram a passagem de um Brasil sobretudo agrário para a definição de uma nação de perfil mais urbano e cosmopolita.

(...)Vago numa terra de ninguém, um espaço mal definido entre campo e cidade. Posso referências do sertão, mas não sobreviveria muito tempo por aqui. Criei-me na cidade, mas também não aprendi a ginga nem o sotaque urbanos. Aqui ou lá me sinto estrangeiro (160)

Conduzidos pelo texto adentramos o mundo sertanejo, com a expectativa de reencontrar um sertão mítico, com suas histórias passadas de geração a geração em narrativas orais, seus rígidos contornos inalterados e acabamos por nos defrontar com o mito regional e o bíblico deteriorados pela decadência, pela ruína:

Mulher em motocicleta carrega uma velha na garupa e tange três vacas magras. Dois mitos se desfazem diante dos meus olhos, num só instante: o vaqueiro macho, encourado, e o cavalo das histórias de heróis, quando se puxavam bois pelo rabo. (8)

O texto desenvolve um assíduo diálogo com o texto bíblico, perceptível no nome das personagens: Ismael, Davi, Salomão, Daniel, Maria Raquel, Josafá etc e em uma possível associação entre o retorno dos três primos e a parábola do filho pródigo, mas aqui também subverte-se o sentido da narrativa primordial com a presença de personagens sem salvação possível, que não buscam a regeneração e não alcançam qualquer equilíbrio ou redenção em suas vidas devastadas.

Após esta breve apresentação é possível identificar nos dois textos trabalhados o diálogo com a narrativa mítica, mas para, cada qual a seu modo, subverter seu sentido original, parecendo mostrar que nos novos tempos, modernos, há pouco espaço para o mito, em sua acepção mais tradicional. As

## III Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | Abril de 2013

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios de Literatura y Crítica Literaria  
Maestría en Literatura Argentina / FHyA - UNR | Centro Cultural Parque de España / AECID

duas narrativas contam histórias aclimatadas no universo tradicional, voltando-se a regiões remotas do país, a Amazônia de Hatoum, o nordeste de Correia de Brito, para mostrar o modo como esses mundos fechados são devorados inexoravelmente pela modernidade.

O que diferencia os textos dos dois autores é o modo de narrar: Hatoum dá voz a um narrador mais tradicional, próximo ao contador de “causos”, que se reporta com frequência ao passado e cuja visão dos fatos padece de maior precisão, devido ao estado de loucura em que se encontra, ao efeito de confusão gerado por uma mente senil e pouco lúcida; já o narrador de *Galiléia* é mais sóbrio e procura o equilíbrio e a lucidez todo o tempo, mesmo que nem sempre consiga alcançá-los; o lugar de que fala é o mundo contemporâneo, mesmo quando volta ao passado individual ou familiar. São, por fim, narrativas que registram uma realidade de decadência e miséria, um mundo sem remissão, mostrando de um lado um realismo que não se restringe aos moldes tradicionais, evitando muitas digressões e descrições, bem como o tom moralizador ou edificante, e de outro a recusa ao filão experimentalista em seu perfil mais radical.

### Bibliografía

Brito, Ronaldo Correia *Galiléia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008

Hatoum, Milton *Órfãos do Eldorado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008

Lucchesi, Marco Orelha do livro Livro dos Homens. In: BRITO, R..C. *Livro dos homens*. São Paulo: Cosac Naify, 2005

Williams, Raymond L. A ficção de Milton Hatoum e a nova narrativa das minorias na América Latina. In: CRISTO, M. da L. P, (org.) *Arquitetura da memória*. Manaus: Editora da Universidade Federal Amazonas/UNINORTE, 2007, pp.162-170.